

A incidência do tempo na prática da mediação escolar com alunos autistas: contribuições psicanalíticas

Nathália Lopes Machado¹

Mônica Maria Farid Rahme²

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento cujo objetivo principal refere-se à investigação da mediação escolar com foco no processo de escolarização de alunos autistas. A mediação escolar pode ser entendida como uma ferramenta de auxílio às práticas inclusivas, sendo o mediador o profissional que realizará o acompanhamento nas atividades escolares, as quais se fizerem necessárias, de determinados alunos que dispõem desse recurso. Busca-se compreender a particularidade da mediação escolar para esses sujeitos, tendo em vista a especificidade que apresentam no estabelecimento do laço social. A investigação configura-se como uma pesquisa qualitativa, tendo a teoria psicanalítica de orientação lacaniana como aporte teórico. Para a coleta de dados, têm sido realizadas entrevistas com mediadores escolares, em modo online, a fim de colher relatos das suas experiências no exercício dessa função. A partir da escuta desses profissionais, pôde-se destacar a dimensão da temporalidade como um dos eixos essenciais para a atuação do mediador.

Palavras-chave: Mediação escolar. Autismo. Psicanálise. Tempo lógico.

Resumo Expandido

A mediação escolar surgiu como efeito de uma transformação advinda de debates, ocorridos especialmente na última década do século XX, em torno do acolhimento e permanência em salas de aulas regulares de crianças e jovens, que trilhavam, até aquele momento, a trajetória escolar em classes especiais ou em instituições especializadas. Diante desse cenário de mobilização e busca de mudanças dos princípios que regem a educação, emerge a figura do mediador escolar a partir dos anos 2000, segundo Mousinho et al (2000).

Trata-se de um profissional que assume a função de agente de inclusão (Mousinho et al, 2010), sendo, portanto, capaz de auxiliar o professor regente nas atividades pedagógicas, de ser um amparo na circulação do aluno pelo ambiente escolar, de apoiar nas demais atividades presentes no cotidiano educacional, além de ser um profissional

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Professora/Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

que produzirá o estabelecimento de enlaces do aluno com os demais pares e com os profissionais da escola. Para isso, suas intervenções, por vezes, não se restringem apenas à sala de aula, visto que de acordo com a demanda de cada caso, faz-se necessário intervir em outros momentos, tornando-se, portanto, uma atuação que exige movimento e, conseqüentemente, muita atenção para que o mediador se faça presente nas cenas escolares de forma precisa.

Na realidade escolar encontra-se a utilização de outras terminologias como tutor escolar, facilitador escolar, assistente educacional e mediador (MOUSINHO et al, 2010). Além disso, nos documentos nacionais, os quais referenciam o acompanhamento, também deparamos com outros termos como apoio pedagógico especializado, monitor ou cuidador, profissional de apoio e acompanhante especializado. A atuação, a função e o lugar assumido pelo acompanhante de determinado aluno podem variar de acordo com as concepções e fundamentos que pautam cada instituição escolar. Desse modo, há práticas de acompanhamento que se assemelham à mediação, porém não se equivalem, como o ensino colaborativo e o acompanhamento terapêutico.

Neste presente trabalho, elege-se o termo mediador escolar por aludir o profissional que terá em seu horizonte de atuação fazer-se enquanto ponte. Segundo Rahme (2018), “a palavra *mediação* tem sua origem no latim *mediare*, e significa *dividir ao meio, repartir em duas partes ou ficar no meio de dois pontos*” (p. 292, grifo da autora). Outro ponto que justifica a escolha por essa terminologia é o fato de que diz respeito a uma prática exercida atualmente sobretudo por profissionais em formação na graduação (SANTOS, 2020; SIQUEIRA, 2017) ou, ainda, profissionais com formação apenas em nível médio (SIQUEIRA, 2017; VICARI, 2019), radicalmente diferente do ensino colaborativo (VILARONGA; MENDES, 2014) e o acompanhamento terapêutico (SPAGNUOLO, 2017).

Podem dispor do suporte da mediação escolar, vários perfis de alunos, incluindo os alunos autistas. Especificamente sobre os alunos autistas, a Lei 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, também conhecida como Lei Berenice Piana, prevê o direito ao acompanhante especializado (termo presente no documento), em casos que apresentam necessidade.

O foco na mediação com os alunos autistas justifica-se pela especificidade desses sujeitos sobretudo relacionada ao estabelecimento do laço social. São sujeitos que, para a psicanálise, possuem um funcionamento subjetivo específico (MALEVAL, 2009) e, portanto, são crianças que provocam muitas indagações nos atores escolares por

manifestarem certa particularidade na relação com o outro, uma vez que tendem a rechaçar e a desviar da presença maciça de um outro que é sentido como invasor. Isso produz determinados embaraços no ambiente escolar, considerando que a escola é um lugar de encontros, além de ser um espaço propiciador, por excelência, de construção de aprendizagem e conhecimento.

Ademais, a escassa produção científica acerca do trabalho do mediador com alunos autistas no processo de inclusão escolar suscitou a investigação da presente pesquisa. Certificamo-nos de tal fato a partir do levantamento realizado no mês de abril de 2021, nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações Capes. Foram encontradas três pesquisas (SILVA, 2018; VARGAS, 2017; VICARI, 2019) que abordam a interface entre mediação escolar e autismo, embora duas destas não tivessem o acompanhamento escolar como o objetivo central do trabalho.

A presente pesquisa de mestrado, em andamento, tem como objetivo geral investigar a prática do mediador escolar com o sujeito autista, tendo as seguintes perguntas como referência: Em que consiste o trabalho do mediador escolar junto aos alunos autistas? Há particularidade na sua atuação com esses estudantes? Quais ações o mediador realiza para tratar de questões referentes à escolarização dos sujeitos autistas? Como se dão as intervenções dos mediadores diante das situações manifestadas no cotidiano escolar? De que modo lidam com as suas especificidades?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, considerando que o paradigma qualitativo possibilita o estudo e a produção do conhecimento acerca dos fenômenos humanos e sociais (GATTI; ANDRÉ, 2010). Tal investigação possui a psicanálise de orientação lacaniana como aporte teórico. A coleta de dados tem sido realizada através de entrevistas semiestruturadas, ocorridas virtualmente em virtude da pandemia, com os mediadores escolares de instituições públicas e privadas, que assumiram o apoio para as práticas inclusivas no processo de escolarização de alunos autistas.

Como resultado parcial, pode-se destacar a frequente referência, por parte dos entrevistados, ao tempo como elemento central na construção da experiência da mediação. Nesse sentido, ao referirem-se à prática, os mediadores focalizaram a necessidade de se apostar no estabelecimento de um vínculo com o aluno, movimento possível apenas no decurso do tempo. Assim, para que o trabalho se dê, faz-se necessário o estabelecimento de um laço entre profissional e criança, concebido fundamentalmente através da dimensão temporal. O tempo em jogo não se refere àquele cronológico,

passível de ser inferido e determinado de uma forma homogênea para todos os encontros entre diferentes mediadores e sujeitos autistas, mas sim o tempo lógico.

Freud [1915]/(2010) postulou uma certa temporalidade própria ao inconsciente, afirmando que “os processos do sistema *Ics* são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente” (p. 128). Formulação que implica essencialmente na direção do tratamento psicanalítico por subverter a lógica do tempo, que se encontra não subordinado ao tempo cronológico. Tomando essa tese central da teoria freudiana para se pensar uma questão específica do contexto escolar, propõe-se pensar o tempo como uma dimensão que possibilita a produção de um laço com o aluno que está sendo mediado nesse encontro contingencial. Trata-se de um vínculo que só poderá ser aferido no *a posteriori*, ou melhor, no só-depois, assim como Freud destaca que somente no *a posteriori* é possível conceber os registros dos acontecimentos.

O tempo também está em jogo quando os mediadores se referem à montagem do trabalho e ao preparo para a prática, à medida em que relatam a primordialidade de entender o funcionamento de cada criança, observando-a, compreendendo suas potencialidades e necessidades, percebendo o seu modo de estar na escola e a dinâmica escolar, para que em um momento posterior faça a intervenção. Interessante notar que os mediadores, cada um à sua maneira, pontuam elementos da temporalidade na construção de sua ação. De que tempo se trata? Lacan [1945]/(1998), em seu retorno a Freud, evidenciou o tempo lógico na condução do tratamento analítico, subvertendo, inclusive, o tempo destinado à sessão analítica. Com base em um sofisma de três prisioneiros, Lacan destaca três dimensões temporais: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir.

O instante do olhar refere-se ao “momento de fulguração em que o tempo é igual a zero. [...] ainda não há um raciocínio ou subjetivação, apenas a constatação do que se pode ver” (GARCEZ; COHEN, 2011, p. 353). Este primeiro momento articula-se à observação e à busca por compreensão por parte do mediador sobre o comportamento do sujeito e a dinâmica escolar, como relatado pelos entrevistados. O tempo de compreender diz respeito ao “tempo de formulação de uma hipótese e de meditação ao colocar-se no lugar dos outros e raciocinar” (GARCEZ; COHEN, 2011, p. 353). Esse momento pode ser sintetizado como aquele narrado pelos mediadores ao analisar o que foi observado para traçar estratégias de intervenção. Por fim, o momento de concluir “é o prosseguimento do tempo de compreender e figura uma certeza antecipada, pois só é possível se verificar nela mesma” (GARCEZ; COHEN, 2011, p. 353). Sendo esta última

dimensão temporal, o momento em que o mediador faz sua intervenção para que no *só-depois* examine os efeitos de sua ação.

Referências

FREUD, Sigmund [1915]. O inconsciente. In: _____. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 99-150.

GARCEZ, Marcia M.; COHEN, Ruth Helena P. Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 348-362, dez. 2011.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29-38.

KAUFMAN, Nira. Cinco pistas para uma prática de mediação escolar não medicalizante. In: Comissão de Psicologia e Educação do CRP-RJ (org.). **Conversações em psicologia e educação**. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia 5ª Região, 2016, p. 49-59.

LACAN, Jacques [1945]. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 197-213.

MALEVAL, Jean-Claude. **O autista e a sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

MOUSINHO, Renata ; SCHMID, Evelin ; MESQUITA, Fernanda; PEREIRA, Juliana; MENDES, Luciana; SHOLI, Renata; NÓBREGA, Vanessa. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Revista Psicopedagogia**, v. 27, n. 82, p. 92-108, Rio de Janeiro, 2010.

RAHME, Mônica Maria F. A função da mediação na trajetória de um aluno com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. In: BORGES, Adriana A. P.; NOGUEIRA, Maria Luísa M. (org.) **O aluno com autismo na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 291-313.

SANTOS, Felícia Maria P. dos. **Mediadores escolares em formação no contexto inclusivo: da busca por conhecimento à constituição de saberes**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 202 f., Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Gisele E. de O. **O papel do educador social voluntário no processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista**. Dissertação (Mestrado em Educação), Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação, Universidade Católica de Brasília. Brasília, p. 94, 2018.

SIQUEIRA, Carla Fernanda O. de. **Mediação escolar: a visão dos mediadores escolares sobre o seu papel na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**.

Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 88f, Rio de Janeiro, 2017.

SPAGNUOLO, Lenara S. **Acompanhamento terapêutico na escola**: entre o educar e o analisar. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, p. 186, 2017.

VARGAS, Thamyres B. T. **Cartografia de processos inclusivos**: narrativas sobre o cotidiano da mediação escolar. Dissertação (Mestrado em Ensino), Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, 140f, 2017.

VICARI, Luiza P. L. **Escolarização de alunos com TEA**: práticas educativas em uma rede pública de ensino. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 164 f., Belo Horizonte, 2019.

VILARONGA, Carla A. R.; MENDES, Enicéia G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores, **Revista brasileira Estudos pedagógicos (online)**, Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014.